

**CHAGAS ABERTAS EM *SŒUR PHILOMÈNE* (1861) DOS IRMÃOS
GONCOURT:
CURATIVOS DA ALMA E DA CARNE NO ROMANCE
NATURALISTA FRANCÊS**

Vanessa Costa e Silva Schmitt (UFRGS)

RESUMO: Após a agitação provocada pela Revolução, à qual sucederam mudanças consideráveis na organização médica, institucional e pedagógica, a compreensão da dimensão hospitalar transforma-se na França. Reconfigurado como espaço da formação médica, o hospital favorece a eclosão da clínica¹, sendo inegável a sua importância como espaço vital da capital francesa no século XIX. A partir de sua representação em *Sœur Philomène* (1861), romance dos irmãos Edmond e Jules de Goncourt, considerado como uma das primeiras e ainda incipientes manifestações naturalistas na literatura francesa, o presente artigo analisa as dimensões espacial, didática e social do hospital na Paris haussmanniana, sob dois aspectos principais. Inicialmente, o hospital inserido na geografia da cidade. Na sequência, como esta instituição do patológico, enquanto microcosmo, influencia e transfigura os personagens nele inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e história. Instituição hospitalar (história). Naturalismo. Século XIX. Goncourt (Edmond, Jules).

"Je crois que quand notre roman sera paru, nous pourrions étonner bien des gens leur disant que toute notre science de l'hôpital, tout ce que nous en disons, tout ce que nous avons appris ne représente absolument que 10 heures passées à la Charité"² (GONCOURT apud GIRAUD, 2009, p. 57). Com essa declaração publicada no tomo primeiro de seu célebre e polêmico *Journal*, referente à data de 14 de janeiro de 1861, os irmãos Jules e Edmond reivindicam um aprendizado que, embora breve e relativamente superficial, permite que um tema vil como o hospital e sua rotina seja abordado de maneira inédita, consistente e impactante na literatura.

A fim de melhor compreender o papel da instituição hospitalar no século XIX, bem como a repercussão e o ineditismo do tema na literatura francesa da época, faz-se necessária, ainda que brevemente, uma contextualização histórica. Assim, destacamos inicialmente a função exercida pelos hospitais e dispensários na sociedade cristã do Antigo Regime para então apontarmos seu estatuto na França do Segundo Império, período em que é publicado e no qual se situa a ação de *Sœur Philomène*.

A instituição hospitalar e as transformações nela impostas pela Revolução Francesa

Durante muito tempo considerado "morredouro", "depósito humano" onde cuidados médicos mínimos eram eventualmente oferecidos aos que não tinham recursos, associado frequentemente ao local onde se aguardava impassivelmente o *Requiescat in pace*, o hospital francês pré-Revolucionário em pouco ou nada assemelha-se a seu equivalente contemporâneo.

Inspirada pelas reformas introduzidas no período tridentino, bem como pela política real do *grand renferment*, a organização hospitalar segue ainda, durante o século XVIII, um modelo monástico, onde, à exceção de alguns laicos recrutados a título individual, todo o corpo hospitalar pertence a uma coletividade obediente a uma regra (DINET-LECOMTE, 2005, p. 120). No entanto, cabe ressaltar que, desde o começo do século

² "Acredito que, quando nosso romance for publicado, poderemos surpreender muitas pessoas, dizendo-lhes que toda nossa ciência de hospital, tudo o que dizemos sobre isso, tudo o que aprendemos representa nada mais que dez horas passadas no *Charité* [o mais notável hospital da cidade de Paris à época]", tradução nossa.

XVI, os encargos administrativos dos estabelecimentos hospitalares não pertencem mais aos cônegos mas aos leigos subordinados ao Parlamento (JACQUEMET, 1948, 968).

Em meados do século XVIII, vê-se, por um lado, o arrefecimento de três grandes flagelos universais (guerra, peste, fome epidêmica), enquanto, por outro, a miséria continua a implantar-se duramente no seio da sociedade, suscitando uma ampla reação da parte de muitos benfeitores. Encorajados pela elite esclarecida da época, creem que seria possível de amenizar o sofrimento dos desfavorecidos distribuindo-lhe cuidados médicos (DINET-LECOMTE, 2005, p. 126). Às vésperas da Revolução, os hospitais diversificam-se segundo as categorias de doentes a ser acolhidos, o que depende mais da estratificação social que da nosografia em si.

Após a agitação provocada pela Revolução (incluindo a nacionalização dos bens hospitalares, a interdição das corporações, a abolição de sociedades e academias, o fechamento da Universidade com suas faculdades e escolas de medicina), à qual sucederam mudanças consideráveis na organização médica, institucional e pedagógica, a compreensão da dimensão hospitalar transforma-se na França.

"Liberdade perversa", nas palavras de Goubert e Rey, redefinição da ciência médica (GOUBERT; REY, 1993, p. 7), introdução de espírito científico (HUARD, 1970, p. 6) são algumas das consequências da Revolução.

Sobre novas bases desenha-se o ensino da medicina, a começar pela criação do internato (Paris, 1802). Visando à homogeneização do ensino e da prática médicas, o hospital será, a partir de então, o espaço da formação médica, favorecendo a eclosão da clínica (GOUBERT; REY, 1993, p. 7). Não esqueçamos que a Convenção, em 1792, havia determinado a dissolução das congregações voltadas ao serviço hospitalar. No entanto, a despeito da proibição da vida comunitária, os cargos poderiam ser mantidos a título individual, o que, para J. P. Martineaud, caracterizaria muito mais uma desclericalização do que uma laicização *stricto senso* (MARTINEAUD, 2002, p. 7). Tais medidas teriam poupado as irmãs da fúria revolucionária e preservado grande parte da estrutura orgânica hospitalar.

Algumas questões capitais impõem-se ainda neste período de reorganização e reconfiguração da instituição hospitalar. Tendo ficado patente o fracasso revolucionário de uma assistência nacional, o hospital, de acordo com a lei do 16 *vendémiaire* ano V,

passa a ser responsabilidade comunal, cabendo a cada comuna gerir e financiar a recepção e o acolhimento tanto de indigentes quanto de crianças, idosos e doentes. Dessa feita, dúvidas prementes surgem: deve então a comuna pagar pelos estrangeiros, pelos vizinhos, pelos camponeses? (HECKETSWEILER, 2010, p. 605). O que se compreende por beneficência, assistência e caridade, e quais são os seus limites?

Impelidos por justas reivindicações, os franceses votarão, posteriormente, a lei de 07 de agosto de 1851, cujo artigo primeiro estabelecerá: "Lorsqu'un individu privé de ressources tombe malade dans une commune, aucune condition de domicile ne peut être exigée pour son admission dans l'hôpital existant dans la commune". De qualquer forma, trata-se da previsão de uma situação emergencial, e será necessário aguardar ainda cerca de uma década pela lei 15 de julho de 1893, concernente à assistência médica gratuita, para que todos os indigentes, sem exceção, sejam acolhidos pelos estabelecimentos comunais, segundo um sistema de circunscrições hospitalares bem definido e hierarquizado conforme a importância e os recursos de cada instituição (IMBERT, 1982, p. 335-336).

Urge destacar, igualmente, a dispersão anárquica dos estabelecimentos hospitalares no país, a qual, segundo Jean Imbert, a passividade do Estado não apenas manteve como contribuiu para que se agravasse numa política caótica sem precedentes. Comunas, departamentos, ou frequentemente a associação de ambos, fundam hospitais à vontade, bem como representantes da alta burguesia, os quais edificam, como legado, estabelecimentos de saúde, sem nenhum plano pré-concebido. Tal falta de planejamento acabar por ressaltar, ao invés de dirimir, a disparidade entre as regiões, fortemente denunciada no Antigo Regime (IMBERT, 1982, p. 368-369).

Assim, em meados de 1830, a França dispõe de cerca de 150 000 leitos, distribuídos entre pouco mais de 1.300 estabelecimentos. Segundo levantamento estatístico apresentado pelo ministério do Interior, em 1833, a duração média de internação compreende quatro meses, sendo que a mortalidade é superior a 10%: em um único ano, 11.000 indigentes vão a óbito apenas no departamento de Seine (HECKETSWEILER, 2010, p. 606). Não se pode ignorar, no entanto, que a região de Paris encontra-se dentre as mais favorecidas. Na mesma época, existem na capital aproximadamente trinta hospitais, capazes de acolher em torno de 20.000 doentes, além de oferecer formação

adequada aos 5.000 estudantes de medicina que nela residem (PREMUDA, 1999, p. 254).

Como consequências da revolução industrial, apontam-se as numerosas transformações das estruturas econômicas e sociais, repercutindo impiedosamente sobre o campo e a cidade. A urbanização desgovernada torna-se cada vez mais um fenômeno inquietante, visto que os trabalhadores migrantes e suas famílias, desprovidos de acomodações salubres, amontoam-se em cortiços onde assustadoras condições de higiene favorecem a propagação de patologias como a febre tifoide e a tuberculose, o que acaba por requerer hospitalização (PREMUDA, 1999, p. 254-255), muitas vezes prolongada e ineficaz.

Embora tenha sua matriz profundamente consolidada no conceito cristão de caridade, voltado desde o princípio a um modelo de assistencialismo altruísta, o hospital moderno será influenciado por algumas das novas percepções sociais oriundas da revolução de 1848 (HECKETSWEILER, 2010, p. 606). Convidado a mudar pela contingência sócio-tecnológica que se impõe, ele guardará, no entanto, por muito tempo, a natureza de assistência aos indigentes que lhe é peculiar.

O hospital no Segundo Império: inserção na geografia haussmanniana

O nascimento da Assistência pública de Paris, em 1849, parece constituir um marco no que diz respeito às instâncias de tutela em relação à saúde: sendo um instrumento indireto do poder central, ela prepara lentamente os espíritos para uma intervenção mais concreta do Estado (CABAL, 2001, p. 86-87).

Cabe ressaltar que, segundo Jeanne Gaillard, "tous hérités de l'Ancien Régime, les Hôpitaux Généraux de Paris³ répondent au besoins d'une misère chronique qui colle à la ville", de forma que o hospital, como já visto, é o refúgio necessário de uma população pauperizada que espera da comunidade urbana uma assistência sistemática (GAILLARD, 1978, p. 395).

³ Hospitais Gerais de Paris : Denominação dos hospitais sem especialidade.

Modo secundário da vida urbana, a hospitalização não compreende apenas internações episódicas, mas verdadeiras estadas, as quais, em sua maioria, são excessivamente longas. Na sequência, aferventa-se nas ruas de Paris a massa de anônimos que, deixando o hospital, não encontram domicílio nem recursos, prestes a provocar mais uma das incontáveis revoltas que, se não surpreendem, desagradam e preocupam as autoridades locais.

Ainda de acordo com Gaillard, a mutação demográfica que se opera na Paris do Segundo Império acompanha-se de uma mutação da função hospitalar. Na capital entrava-se, doravante, uma população imigrante, constituída na sua essência de pequenos artesãos e lojistas modestos, mas, sobretudo, de operários que, por sua vez, embora ganhem seu pão, não têm como assumir as nefastas consequências do desemprego e da doença. O múnus do hospital passa a ser, por sua vez, revisitado: junto aos imigrantes, suas atribuições são agora precisas, limitadas e intermitentes, "d'assitsance absolument dépourvue de romantisme religieux", parcialmente desatreladas daquele que era até então seu papel essencial (GAILLARD, 1978, p. 399).

Considerando-se os efeitos da revolução de 1848 (e, em especial, das *Journées de Juin*), bem como o crescimento demográfico, aliados tanto a uma nova concepção do exercício da medicina quanto a relações e desenhos urbanos inéditos, pode-se afirmar que todos são fenômenos influentes na mudança de óptica em relação à caridade e ao consequente redirecionamento do papel do hospital na segunda metade do século XIX em Paris. De maneira geral, não parece incauto concluir, como bem o faz Gaillard, que o drama operário e a revolução de 48 transformam, decisivamente, a política urbana e, conseqüentemente, hospitalar (GAILLARD, 1978, p. 401).

Em matéria de assistência pública, o urbanismo parisiense não está voltado para soluções hospitalares, de forma que, durante os grandes trabalhos de remodelação da capital, parece haver uma grande sequência de amputações no patrimônio físico das instituições. Avaliadas por M. Boude (apud GAILLARD, 1978, p. 404), em seu estudo sobre as propriedades hospitalares de Paris, tais mutilações seriam da monta de 302.933 m², no que diz respeito apenas às expropriações justificadas por utilidade pública durante o Segundo Império. Valor ao qual devem-se acrescentar as vendas por contrato consensual e as alienações (cerca de 184.772 m² alienados pela Segunda República). No total, a extensão patrimonial da Assistência Pública foi reduzida, em Paris, a menos da

metade. Tais números refletem as novas concepções apresentadas durante a Segunda República e, sobretudo, sustentadas por Haussmann, referentes às relações urbanas e outras perspectivas de atenção médica que não compreendem a hospitalização (GAILLARD, 1978, p. 405) e que, por sua vez, serão características das políticas sociais do Segundo Império.

Uma vez que compreendemos alguns elementos essenciais do contexto em que se insere o estabelecimento hospitalar na Paris do Segundo Império, das novas atribuições da instituição em si, bem como do corpo clínico e assistencial que nela atua, evidencia-se mais claramente o papel do hospital na trama de *Sœur Philomène*, romance que pode ser considerado como primícias do Naturalismo na França.

A instituição hospitalar em *Sœur Philomène* e sua importância na economia do romance

Romance de Edmond e Jules de Goncourt, publicado em 1961, *Sœur Philomène* é pouco conhecido no Brasil, não tendo sido traduzido para a língua portuguesa. O fato de que esta obra não seja tão difundida, mesmo na França, quanto outros romances coetâneos revela uma aparente lacuna nos estudos naturalistas. Apenas cinco anos após *Madame Bovary* (1856) de Gustave Flaubert e de seu impacto artístico e social, tende-se a afirmar que este romance ímpar, por sua estética e temática, inaugura o Naturalismo na França⁴. O hospital agudizará os sentidos dos leitores, primeiramente estimulados durante a exposição crua da realidade enfadonha da esposa de um medíocre médico rural, cuja narração primorosa dos pecados e da agonia de morte voluntária levaram Flaubert ao banco dos réus⁵.

⁴ Uma das mais respeitadas especialistas dos estudos sobre Naturalismo na Europa, Colette Becker não hesita em afirmar: "En procédant de la sorte, les Goncourt inaugurent bien ce qui sera la méthode des romanciers réalistes/naturalistes: se fonder sur l'observation du réel et, pour ce faire, plonger dans la réalité, enquêter sur le terrain, dans le milieu dans lequel l'intrigue sera située, processus méthodique, logique, qu'ils mettent en avant dans leur *Journal* de 1860, se félicitant même de l'approbation de Sainte-Beuve." (BECKER, 2011, p. 11-12)

⁵ Charles Augustin Sainte-Beuve a Edmond e Jules de Goncourt, carta de primeiro de setembro de 1861. In: Edmond et Jules de Goncourt, *Correspondance générale* (referência completa a esta obra na bibliografia final do artigo).

Motivados pelo sucesso alcançado por Flaubert com sua *Bovary* em 1856, Edmond e Jules de Goncourt concebem também eles uma nova estética, embora o façam, num primeiro momento, timidamente. *Pródromo do Naturalismo, Sœur Philomène* (1861) traz a intriga do romance para dentro do hospital, onde técnica, doença e sensibilidade são oferecidos cruamente a um leitor atônito — e talvez enojado — diante de tal cenário, tido como vil e degradante. Cabe ressaltar que tal escolha não se dá ao acaso, amadurecida por um processo que compreendeu visitas — ainda que poucas — para documentação e observação *in loco* da célebre clínica parisiense (como explicitado no diário dos dois irmãos). Aterrorizados pela pelas dores e agonias que preveem testemunhar — e que testemunhariam de fato — em suas passagens efêmeras pelo hospital, Edmond e Jules emprestam seus temores à protagonista, também ela dotada das mesmas "inquietações prospectivas" (ROLDAN, 2013, p. 394). Sob um véu contrastado entre gótico e diáfano, os irmãos apresentam ao público uma irmã de caridade, Philomène, e um interno, Barnier, ambos atuando no monumental *Hôpital de la Charité*. Não à toa, o crítico Sainte-Beuve manifesta-se, dizendo: "*Sœur Philomène* est un roman d'une vérité parfaite, étudié sur le vif" (GONCOURT, *Correspondance générale*, 2004, p. 553). Nele, o hospital assume um papel até então inédito, capaz de mudar a forma como se concebe e como se aprecia a literatura na segunda metade do século XIX, num desafio cenestésico sem precedentes.

A espacialidade em *Sœur Philomène* adquire uma nova dimensão: pode-se dizer que toda a ação, bem como os conflitos, sejam eles psicológicos ou morais, acontecem à *huis clos*. À exceção da infância de Philomène, a protagonista, e do tempo que esta passa no convento em formação, o hospital abraça toda a intriga. Portas fechadas, esta poderosa e histórica instituição recebe uma multidão de anônimos pauperizados em busca de cura e respeito. Para alguns, significa o fim da linha. Para outros, a espera da morte dá-se fora do recinto, já que o hospital não supõe mais caridade por si só, mas, ainda que a passos lentos, a esperança da cura pela ciência. Sob a pluma dos Goncourt, o hospital passa a representar não somente um microcosmo sociológico da realidade do seu tempo, onde a pobreza em si destitui, naturalmente, o ser humano de dignidade, mas, igualmente, ele assume um estatuto de personagem em ação e em sensibilidade.

De acordo com Colette Becker, "les Goncourt, avec *Sœur Philomène*, offrent d'abord une vision très personnelle de l'hôpital, qui révèle une profonde angoisse devant cet univers du corps malade, de la mort et de leurs mystères." (BECKER, 2011, p. 14). Philomène e seu contraponto, Barnier, traduzem fisiológica e psicologicamente o estertor de suas almas assustadas diante de tanta abominações dolorosas e degradantes. Enquanto a religiosa transfigura-se pelo exercício diário, penoso e humilhante do cuidado aos doentes, Barnier, impotente diante do sofrimento alheio e da culpa que se atribui pelo insucesso e pela sua suposta falta de caráter, encaminha-se em direção à sua decadência física e moral. Vítima do alcoolismo devastador provocado pelo absinto, tudo nele passa a ser desordem e degradação.

Encontrando o sublime naquilo de mais odioso, Philomène esquece-se no seu pequeno claustro de repugnância e dor, transformando-as em delícias inefáveis. Redescobrir-se no abjeto, é o que faz Philomène entre as paredes do Charité:

C'était, pour la sœur Philomène, la belle heure de sa journée. Elle s'y oubliait, elle se retrempait à la joie et aux enchantements de cette fatigue si douce. Elle y puisait l'oubli de tout ce qui était laid, répugnant, redoutable autour d'elle. Et cette matinée lui remplissait si bien l'âme qu'elle en emportait souvent du courage pour tout le reste du jour.⁶ (GONCOURT, 1861, p. 85)

Transfigurada pela descoberta dolorosa do sofrimento e do caráter inexorável da morte, Philomène faz-se nova nela mesma, reconstrói-se sobre as bases da doença, do fim e da serenidade. A sala de serviço, com suas tarefas ingratas, surge como um catalisador na construção do caráter dessa nova Philomène. No exercício concreto do despojamento religioso, ela despe-se da mulher que ainda a habitava, para enfim revestir-se do verdadeiro manto de amor e devoção. A cada escara supurada que a religiosa irriga cuidadosamente, cicatrizam-se talvez mais as chagas do Cristo, cuja cruz deverá ser removida das paredes dos hospitais laicos da era pós-haussmanniana, doravante não mais batizados com água, mas aspergidos com antisséptico de Lister.

Referências

⁶ "Era, para a irmã Philomène, a melhor hora do dia. Nela esquecia-se, revigorava-se na alegria e nos encantos dessa fadiga tão doce. Nela buscava o esquecimento de tudo o que era feio, repugnante, temível em torno de si. E essa manhã preenchia-lhe tão bem a alma que dela tomava frequentemente a coragem para o restante do dia", tradução nossa.

BECKER, Colette. "À propos de la genèse de *Sœur Philomène*". *Cahiers Edmond & Jules de Goncourt: Sœur Philomène – Autour du japonisme*, n. 18, 2011. p. 11-23

CABAL, Michel. *Hôpitaux: corps et âmes*. Paris: Rempart; Desclée de Brouwer, 2001.

DINET-LECOMTE, Marie-Claude. "La cléricatisation' du personnel hospitalier en France au XVII^e et XVIII^e siècles". In: DELPAL, Bernard; FAURE, Olivier (dir.). *Religion et enfermements (XVII^e et XVIII^e siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005.

GAILLARD, Jeanne. "Assistance et urbanisme dans le Paris du Second Empire". In: MURARD, Lion; ZYLBERMAN, Patrick (dir.). *L'haleine des faubourgs: ville, habitat et santé au XIX^e siècle*. Paris: Recherche, 1978. p.

GIRAUD, Barbara. *L'héroïne goncourtienne: entre hystérie et dissidence*. Berne: Peter Lang, 2009.

GONCOURT, Edmond et Jules. *Correspondance générale*. Édition établie présentée et annotée par Pierre-Jean Dufief. Tome I. Paris: Champion, 2004.

GONCOURT, Edmond et Jules. *Journal des Goncourt*. Édition critique publiée sous la direction de Jean-Louis Cabanès. Tome II. Paris: Champion, 2008.

GONCOURT, Edmond et Jules. *Sœur Philomène*. Édition préfacée et annotée par Pierre-Jean Dufief. Tusson: Du Lérot, 1996.

GOUBERT, Jean-Pierre ; REY, Roselyne (dir.). *Médecine et santé*. Volume 7 de BONIN, Serge; LANGLAIS, Claude (dir.). *Atlas de la Révolution Française*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1993.

HECKETSWEILER, Philippe. *Histoire de la médecine: des malades, des médecins, des soins et de l'éthique biomédicale*. Paris: Ellipses, 2010.

HUARD, Pierre. *Sciences, médecine, pharmacie de la Révolution à l'Empire (1789-1815)*. Paris: Roger Dacosta, 1970.

IMBERT, Jean (dir.). *Histoire des hôpitaux en France*. Paris: Privat, 1982.

JACQUEMET, G. (dir.). *Catholicisme: hier, aujourd'hui, demain*. Tome V. Paris: Letouzey et Ané, 1948.

MARTINEAUD, J. P. *Les ordres religieux dans les hôpitaux de Paris: les congrégations hospitalières dans les hôpitaux de l'Assistance publique à Paris, des fondations à la laïcisation*. Paris: L'Harmattan, 2002.

PREMUDA, Loris. "La naissance des spécialités". In: GRMEK, Mirko (dir.). *Histoire de la pensée médicale en Occident*. Tome III: *Du romantisme à la science moderne*. Traduit de l'italien par Louise L. Lambrichs. Paris: Seuil, 1999.

ROLDAN, Sébastien. *Poétique du suicide dans le roman naturaliste: natures et philosophies de la mort volontaire (1857-1898)*. Thèse de doctorat. Université du Québec à Montréal; Université Paris-Ouest Nanterre, 2013.